

Otimismo para variar

ESTADO DE SÃO PAULO

Pesquisa feita pela secção norte-americana do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos mostra que grandes grupos norte-americanos estabelecidos no Brasil acreditam que as perspectivas da economia brasileira são boas para os próximos anos, e o real não será desvalorizado. São prognósticos que devem ser levados em conta, tendo em vista as previsões pessimistas que se fazem desde que começaram as turbulências na Ásia.

A pesquisa do Conselho Brasil-EUA — cujos resultados foram divulgados recentemente — foi feita dois meses depois do "crash" de Hong Kong e quase seis meses depois que os primeiros sinais de crise surgiram em julho, na Tailândia. Foram ouvidas a General Motors, ATT, MCI, Enron, Xerox, Cargill, Goodyear, Raytheon, Dana, Lund, Tenne-co, Pagoda, Caterpillar, Odebrecht, Veirano, Guardian, Chubb. Foi também ouvida a Câmara de Comércio Brasil-EUA. As multinacionais acreditam que o Brasil crescerá entre 2% e 4%, este ano. O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, previu um crescimento de 2% em 1998. No médio prazo (próximos dois ou três anos), segundo 12 empresas, o crescimento deverá situar-se entre 4% e 6% ao ano. Nenhum, entre os consultados, previu recessão. Uma única empresa admitiu que seus negócios devem declinar, mas, em contrapartida, quatro multinacionais previram que seu faturamento aumentará acima de 6% ao ano. Entre os entrevistados, 55% declararam-se "lvemente mais confiantes" do que antes da crise asiática, e 25% mantiveram suas avaliações anteriores. Somente 10% disseram ter menos confiança,

enquanto 10% estão "significativamente mais confiantes".

Segundo o diretor-executivo do Conselho, Mark Smith, "a pesquisa mostra que existe confiança na equipe econômica, no real e no potencial do

País, mas é preciso que haja uma ação mais concreta na área fiscal e nas reformas constitucionais". Os entrevistados indicaram, entre os motivos que os

Multinacionais dos EUA acreditam que o Brasil crescerá até 4% em 98 e de 4% a 6% a médio prazo

levam a acreditar no Brasil, a confiança nos compromissos com as reformas, sobretudo aquelas que permitirão reduzir o déficit público, a continuidade das privatizações, mudança na estrutura de impostos, sistema legal e infraestrutura. O resultado das eleições presidenciais, em outubro, "será muito importante" para preservar essa confiança. Se as previsões das companhias norte-americanas estiverem certas, o Brasil estará mais próximo de realizar seu crescimento potencial, estimado pelos economistas em 7% ao ano. Novos elementos apresentaram-se, nas últimas semanas, para comprovar esse aumento da confiança dos estrangeiros. É o caso do recorde dos investimentos diretos estrangeiros, que atingiram US\$ 17 bilhões, em 1997. Ou, ainda, a notícia sobre a presença dominante dos estrangeiros nas fusões e aquisições que ocorreram no Brasil, no ano passado, conforme pesquisa feita pela consultora Price Waterhouse, divulgada pelo Estado.

Numa época de tantas previsões pessimistas, mas, também, de tantas previsões desmoralizadas — até poucos meses atrás era louvado o milagre do crescimento da Ásia —, é reconfortante ouvir a opinião otimista de agentes econômicos, pois eles costumam ter mais sentido prático do que os economistas.